

# A plasticidade da manemolência esportiva

A democrática capoeira mistura esporte, cultura, dança e ajuda a relaxar com seus ritmos e música. Por **Vanessa Jurgenfeld**, de São Paulo

Definir a capoeira pode ser tão difícil quanto praticá-la. Isso porque é, ao mesmo tempo, esporte, filosofia de vida, cultura, lazer e luta. Neste mês a arte do gingado, nascida no século XVII, vai ser lembrada com uma exposição na Universidade Cidade de São Paulo (Unicid), onde o presidente da Federação Internacional de Capoeira, Sérgio Luiz Vieira, é diretor do curso de educação física. No local, grupos de capoeiristas farão apresentações e será possível, aos curiosos, encarar pela primeira vez os passos de uma atividade cheia de balanço e ritmada por berimbaus.

Alexandre Malab, dono da consultoria tributária Ambn Consult, pratica capoeira há quase 30 anos. Diz que essa é a arte de atacar se defendendo. "Na época em que os garotos preferiam praticar judô, optei pela capoeira porque achei uma luta mais alegre", comenta. Malab, hoje aos 46 anos, treina com um personal trainer de capoeira, o mestre Salomão.

Apesar de aparentemente violenta, muitos apelam à capoeira para relaxar. É o caso do diretor de política monetária do Banco Central, Luiz Fernando Figueiredo. "Jogo desde garoto. E mesmo com a agenda cheia do BC, procuro praticar a capoeira no tempo livre, porque além de melhorar a flexibilidade — ele é jogador de pólo aquático, esporte que já lhe valeu uma medalha de prata — me atrai por trazer tantos elementos da cultura brasileira, como, por exemplo, a música", comenta Figueiredo que é professor da modalidade.

A capoeira é nativa do Brasil, e seu nome é emprestado do tupi-guarani — significando "mato ralo". Sua origem é contestada muitas vezes pelos que afirmam que o esporte nasceu na África. A historiadora e curadora da mostra da Unicid, Elisabeth Leone, defende o nascimento em terras brasileiras: "Os negros africanos



não jogavam a modalidade da forma como nós entendemos o esporte. Para eles era apenas uma dança", explica.

O esporte viveu dois grandes momentos de expansão. O primeiro, no Brasil, aconteceu na década de 60, quando o movimento migratório espalhou nordestinos para outros centros urbanos, como São Paulo, e, conseqüentemente, a capoeira — praticada provavelmente por 9 entre

10 baianos. E em 1992, data da criação da Confederação Brasileira e do reconhecimento do esporte pelo Comitê Olímpico. Hoje, cerca de 3,5 milhões de adeptos jogam capoeira em 132 países, segundo Vieira.

O boom também chegou às academias, onde, às vezes, é mal-aplicada. A historiadora Elisabeth acha que isso está afastando a capoeira de sua raiz. "Algumas pessoas que dão

aula não incentivam o seu lado cultural, não são especialistas e ensinam os movimentos superficialmente", alfineta.

Segundo Vieira, todo professor deve ter habilitação para ensinar a prática. O certificado é emitido pela confederação e só ele garante que a pessoa pode ensinar.

Marcos Henrique Czank, engenheiro da Telefônica, treina há um ano em academia. Participa de rodas e encontrou na

modalidade uma forma de aliar dança e esporte.

Na capoeira são mais de 80 movimentos e vários tipos de berimbaus (ginga, viola e berraboí), que dão ritmos à luta junto com atabaques e pandeiros. Existem formas de jogar que mudam conforme a música. A capoeira conhecida como angola, por exemplo, é caracterizada pelo toque mais lento e é mais rasteira. Já a regional tem o ritmo acelerado e

mais movimentos em pé.

No futuro, a modalidade deve ganhar um reforço com a construção de 16 centros esportivos, culturais e educacionais dedicados à capoeira no país. Também acontece o campeonato mundial em 2003.

Exposição Alla Lauê Brasil - de 9 Sde abril a 4 de maio, no Espaço de Artes Unicid. Informações pelo telefone (0800) 14-9099